

Escavações em dólmenes do concelho do Crato (Alto Alentejo)

POR

Agostinho Farinha Isidoro

Naturalista do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
da Faculdade de Ciências do Porto

Em Novembro de 1960, por sugestão do Sr. Prof. Doutor SANTOS JÚNIOR, iniciámos o reconhecimento arqueológico do concelho do Crato, província do Alto Alentejo. Nele estudámos 33 antas, duas construções circulares de pedra, designadas por *fornos* e três *moradeias*. Estes estudos foram já publicados (1).

Em 1962 e anos seguintes trabalhámos no concelho de Alter do Chão, da mesma província, concelho que faz extrema com o do Crato e nele estudámos 38 antas, uma possível muralha dum castro e três *moradeias*. Os resultados destes estudos estão em publicação num outro trabalho (2).

(1) AGOSTINHO ISIDORO, *Esboço arqueológico do concelho do Crato (Alto Alentejo)*, in «Anais da Faculdade de Ciências do Porto», tomo XLIV, Porto, 1962, págs. 206 a 228, XII est. e 29 figs.;

— idem, idem, *Novos elementos*, in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», *Vária*, Vol. XIX — Fasc. 1, Porto, 1963, págs. 71 a 75, com 4 figs.;

— idem, idem, *Novos elementos* (II), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XIX — Fasc. 2, Porto, 1963 págs. 174 a 177, com 2 figs.;

— idem, idem, *Novos elementos* (III), in «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», *Vária*, Vol. XIX — Fasc. 3-4, Porto, 1964, págs. 353 a 359, com 16 figs.

(2) *Contribuição para o estudo da arqueologia do concelho de Alter do Chão (Alto Alentejo)*, in «Lucerna», Cadernos de Arqueologia do Centro de Estudos Humanísticos do Porto.

Vários arqueólogos, especialmente LEITE DE VASCONCELOS, MANUEL HELENO e GEORG & VERA LEISNER tinham já feito referências, ainda que ligeiras, a alguns dólmenes destes concelhos; no entanto, muitos deles permaneciam desconhecidos.

Não tínhamos notícia de que alguma destas antas tivesse sido escavada com fins científicos. Por isso, apesar de suspeitarmos, pelo aspecto de abandono que muitas apresentam, que todas ou quase todas tenham sofrido vários remeximentos, iniciámos em 1961 a escavação de algumas delas.

Levamos escavadas até ao presente cinco antas, todas do concelho do Crato: Anta 1.^a do Tapadão, Anta do Couto dos Enchares, Antas 1.^a e 2.^a do Couto dos Andreiros e Anta da Tapada dos Canchos.

Em algumas destas antas encontrámos espólio arqueológico relativamente rico, constituído por peças comuns a outros dólmenes e duas peças que são únicas na arqueologia dolménica peninsular.

Este espólio está incorporado nas colecções do Museu do Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia», da Faculdade de Ciências do Porto.

É nosso propósito prosseguir na escavação dos dólmenes do concelho do Crato para, mediante os seus espólios podermos determinar a data das suas construções e até a existência de inumações correspondentes a períodos muito afastados no tempo.

Estes trabalhos foram realizados mercê dos auxílios da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura, a quem neste momento queremos apresentar os nossos melhores agradecimentos (1).

(1) Também queremos manifestar os nossos agradecimentos aos proprietários dos terrenos onde se situam as antas: Senhora D. Josefa Barros Machado, Sr. António Biscaia, Sr. Eng. Henrique de Sá Nogueira e Sr. Dr. Ruy Teixeira Guerra, que gentilmente nos facilitaram as pesquisas.

Por agora damos a seguir os resultados das escavações realizadas nas duas primeiras antas citadas.

A anta 1.^a do Tapadão (Crato — Alto Alentejo)

Trata-se duma anta de grande corredor e de câmara circular, como mostra a figura 1. É a maior e a melhor conservada de todas as antas deste concelho (Est. I, figs. 2 e 3).

Está situada num pequeno cabeço, despido de vegetação, a leste da freguesia de Aldeia da Mata e distante dela uns 2 km. Avista-se da estrada nacional Aldeia da Mata-Crato, que lhe fica para norte e a uns 400 m.

Foi já classificada de monumento nacional.

Tem ainda um resto de mamoa. A câmara é constituída por 7 esteios (1) de granito de grão grosso e *mesa* ou *chapéu* do mesmo granito.

A boca ou porta do dólmen, voltada a leste, está tapada por uma grande pedra (Est. III, fig. 6), que encosta aos esteios da portada e assenta nas primeiras pedras do corredor. Todos os esteios apresentam um pequeno grau de inclinação para a câmara. A *mesa* pousa sobre três deles (1, 4 e 7), os de maior volume.

O esteio 2 encontra-se partido a meio, ao través, de tal modo que as superfícies de fractura já não coincidem. O esteio 6 apresenta-se reduzido a menos da metade inferior; a parte que lhe falta está caída fora da câmara, meio soterrada. O esteio 7 tem uma estaladela transversal, quase completa e pouco acima do meio. Os restantes esteios estão ainda inteiros e bem conservados.

(1) Nesta anta, como na que se segue, os esteios são indicados por algarismos. A sua indicação é feita a partir da porta no sentido do movimento dos ponteiros do relógio.

A pedra (Est. II, fig. 5) que tapa a boca ou porta dolménica está íntegra e tem a forma arredondada, excepto na parte superior, onde é ligeiramente acuminada.

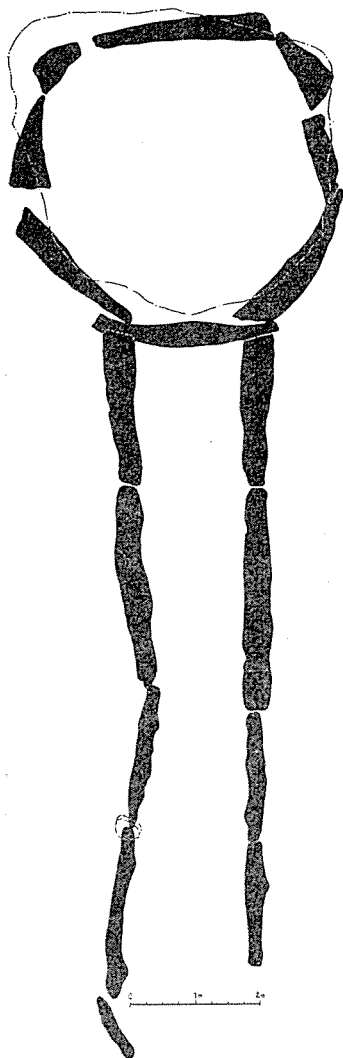


Fig. 1 — Planta da anta 1.^a do Tapadão

As medidas dos esteios, (altura e largura), tiradas pela face externa, são, respectivamente: 1 — 2,62 m e 2,20 m; 2 — 2,33 m e 1,50 m; 3 — 2,38 m e 0,84 m; 4 — 2,10 m e 2,80 m; 5 — 1,70 m e 1,16 m; 6 — 0,45 m e 1,14 m; 7 — 2,24 m e 2,45 m; a laje que tapa a boca: 3,06 m e 2,78 m.

A *mesa* ou *chapéu* tem a superfície superior um pouco abaulada, e apresenta do lado sul uma cova circular, bem polida, com 13 cm de diâmetro e 5,5 cm de profundidade; a face inferior é um tanto plana. A *mesa* tem 4,27 m de comprimento, no sentido norte-sul, e 3,35 m de largura, no sentido leste-oeste. A sua espessura é, em média, de cerca de 30 cm.

O chão da câmara está 1,5 m abaixo da terra que circunda a anta, resto de mamoa, e tem 4,30 m de diâmetro leste-oeste e 5,08 m de diâmetro norte-sul. A terra da superfície do chão da câmara tem o mesmo aspecto da terra do exterior.

A anta possui um grande corredor (Est. III, fig. 7), sem cobertura, cujo lado norte tem de comprimento cerca de 10 m e é constituído por quatro grandes pedras de granito que se dispõem ao longo umas das outras. O lado sul, com 11 m de comprimento, tem cinco pedras também de granito, dispostas como as do lado norte.

O lado sul do corredor tem uma pequena curvatura. A largura do corredor junto à anta é de 2,16 m, a meio do seu comprimento é de 1,30 m e na sua extremidade 2,00 m.

As pedras do corredor estão também ligeiramente inclinadas para dentro; umas sobressaem do terreno uns 30 cm; outras apenas afloram, e só em parte.

Há uma lenda que diz estarem enterrados nesta anta dois bezerras de ouro e que de noite, em volta dela, aparecem uns *medos*. À pessoa que se aventurasse a ir lá de noite poderia deitar a mão aos bezerras e ficaria muito rica. Simplesmente, ninguém se atreve a tal, com receio dos tais *medos*.

Escavação da câmara

A anta 1.^a do Tapadão foi escavada por nós em duas campanhas: uma em Agosto de 1961, na qual procedemos à escavação da câmara e outra em Agosto de 1962, em que escavámos o corredor.

A escavação da câmara (Est. II, fig. 4) foi iniciada a partir da porta da anta.

Nela havia já aberta uma vala com 1,70 m de largura e 0,40 m de profundidade, desde o topo proximal do corredor até ao esteio 4, o da cabeceira. Fora cavada, tempos atrás, por alguns estudantes do ensino secundário, da vila do Crato, com o objectivo de encontrarem algum objecto arqueológico. Informaram-nos que não colheram qualquer peça arqueológica.

A terra da vala havia sido removida para os lados norte e sul da câmara. Acarretámo-la para fora da anta e depois crivámo-la. Não deu qualquer espólio.

A seguir procedemos à abertura dum corte no chão da anta, logo à entrada da boca da anta, até à profundidade de 0,65 m, corte que ia do meio da porta até ao esteio 1. Este corte revelou-nos a existência de duas camadas de terra bem diferentes.

A camada superior, com a espessura de 0,25 m, era constituída por terra poeirenta esbranquiçada, que resultara possivelmente da erosão. A camada inferior, com a espessura de 0,40 m, era constituída por terra fina, macia, de cor acastanhada; assentava no *salão*, subjacente, que é de saibro.

Este ocupa uma grande parte do chão da câmara. Há apenas um espaço de meio metro de largura do lado dos esteios 1, 2 e 3 e do lado dos esteios 5, 6 e 7, em que ele não existe. Junto destes esteios a camada inferior continua-se para baixo. Não pudemos determinar a sua espessura nestes espaços por recearmos abalar os esteios referidos nos seus alicerces.

Removemos a camada superior em toda a sua extensão para fora da anta e não encontramos nela, mesmo depois da crivagem, qualquer objecto arqueológico.

Procedemos a seguir ao estudo da segunda camada. Do lado sul e no ângulo dos esteios 1 e 2, à profundidade de 30 cm, foi encontrada, em posição horizontal, uma grande conta, discóide, de coloração verde (Est. IV, fig. 8 a). Próximo estava uma outra conta em forma de barril (Est. IV, fig. 8 b), de coloração verde-claro e um pingente (Est. IV, fig. 8 c), de forma triangular, também de coloração verde-claro e com um orifício na base.

A 20 cm do ponto de contacto dos esteios 2 e 3, para o interior da anta e à profundidade de 35 cm, encontramos várias porções de ossos humanos, todas mais ou menos alteradas, e que indicamos mais adiante ao estudar o espólio.

Ainda no sector sul da câmara, na parte que contacta com os esteios 3 e 4, numa área de 1 m², a 30 cm de profundidade, havia uma camada de pó cinzento, com a espessura de 2 mm, que parecia ser de cinza. Colhemos uma amostra que oportunamente será analisada.

No sector norte da câmara, junto da parte média do esteio 7 e a 35 cm de profundidade, existiam duas porções de facas de sílex.

No ângulo dos esteios 6 e 7, a 30 cm de profundidade estava uma placa-ídolo (Est. VIII, fig. 12 e) incompleta, em posição oblíqua, de coloração amarelo claro, designada por placa fenestrada, cujo estudo é feito adiante. Na terra subjacente e um pouco para oeste, apareceram alguns fragmentos pequenos de placas-ídolos e um fragmento de báculo.

Escavação do corredor

Foi iniciada no seu topo distal, onde fizemos um corte a toda a largura até à profundidade de 65 cm. Daqui para baixo a terra era virgem, sem qualquer vestígio de remeximento. Desistimos de aprofundar até ao *salão*, por julgarmos isso desnecessário.

Verificámos haver, como na câmara, duas camadas perfeitamente individualizadas. A superior, com 25 cm de espessura, constituída por terra semelhante à da camada superior da câmara. A inferior, de terra mais negra que a anterior, com 40 cm de espessura. Toda a terra destas camadas havia sido remexida.

Retirámos toda a camada superficial, que apenas deu alguns cacos modernos. Depois escavámos a segunda camada e procurámos com todo o cuidado a existência de qualquer objecto arqueológico, embora a terra fosse depois toda passada pelo crivo.

À profundidade de 20 cm e distante da extremidade posterior da 2.^a pedra da esquerda, 40 cm em linha recta, para o meio do corredor, encontrámos três pontas de seta de sílex. Entre a mesma

pedra e estas pontas de seta e, ao mesmo nível, estava, em posição horizontal e com o gume virado para o sul, o machado de pedra polida, de secção rectangular, o único machado colhido neste dólmen.

Uma placa-ídolo (Est. VII, fig. 11), a que falta o bordo superior, estava em posição oblíqua, com a face gravada voltada para baixo, e o topo fracturado virado para oeste. Junto desta placa encontramos um fragmento de barro com um orifício bicónico num dos topos, que possivelmente servia de suspensão (Est. VIII, fig. 12 a).

Junto do início da 2.^a pedra da direita e a 15 cm de profundidade, deparamos com um núcleo de sílex. No início da 3.^a pedra do lado direito e a 20 cm de profundidade estava um vaso inteiro (Est. IX, fig. 13 d), cheio de terra, em posição normal. Na terra subjacente e à profundidade de 40 cm estava um cristal de quartzo hialino, colocado na posição horizontal, com a ponta mais aguçada voltada para o norte.

Distante uns 15 cm do meio desta pedra e à mesma profundidade, havia um vaso maior quase inteiro (Est. IX, fig. 13 a) igualmente em posição normal, também cheio de terra. Um pouco mais para o meio do corredor encontramos mais três pontas de seta, um outro fragmento de barro, com um orifício bicónico, um pouco maior que o referido atrás (Est. VIII, fig. 12 d), uma porção de alabarda, um buril de quartzo hialino, um núcleo de sílex e um pequeno fragmento de cerâmica (Est. VIII, fig. 12 f) com incisões paralelas e pouco profundas.

Próximo encontramos a metade dum vaso de cerâmica tombado, com a parte fracturada voltada para cima.

Afastados 20 cm do terço anterior da 3.^a pedra da esquerda, e à profundidade de 25 cm encontramos um fragmento de placa-ídolo, duas pontas de seta de sílex, uma completa e outra incompleta e uma porção de faca também de sílex.

Junto da 4.^a pedra da lado esquerdo, próximo do seu terço anterior, estava também uma ponta de seta igualmente de sílex.

A meio do corredor, próximo da boca da anta e a 40 cm de profundidade, estava uma porção de faca de sílex, e uma porção de alabarda.

Na crivagem da terra colhemos outro material arqueológico, que não interessa referir por agora.

Dele damos conta adiante.

*
* *

O espólio desta anta é constituído por objectos de adorno (contas), instrumentos de pedra lascada (pontas de seta, alabardas, facas, raspadores e núcleos), de pedra polida (um machado), uma placa-ídolo e fragmentos de outras, todos de xisto, alguns vasos de cerâmica, abundantes fragmentos de outros vasos e algumas porções de ossos humanos e de animais.

Objectos de adorno

São essencialmente constituídas por 27 contas e um pingente (Est. IV, fig. 8). Destas contas, 25 são pequenas e 2 são maiores.

Entre as contas menores, 3 são de coloração verde, possivelmente de calaíte; duas discóides e uma bicónica; 10 são de xisto preto, discóides, umas maiores outras menores, umas mais conservadas, outras mais gastas; 5 são de xisto azul-claro e 7 também de xisto, de cor azul-claro.

Das duas contas maiores, uma é discóide e a outra bicónica, em forma de barril. A primeira tem 20 mm de diâmetro e 8 mm de espessura; a segunda 20 mm de comprimento e 14 mm de diâmetro máximo. Ambas são possivelmente de calaíte.

O pingente é de forma triangular; tem na base o orifício de suporte; é de xisto cinzento; tem 22 mm de comprimento e 3 mm de espessura.

Material lítico

É constituído essencialmente por elementos de pedra lascada, tais como pontas de seta, alabardas, facas, raspadores e núcleos, todos de sílex. Apenas encontrámos um machado de pedra polida, de secção rectangular.

As pontas de seta são ao todo 45 (Est. V e VI, figs. 9 e 10) (1). Destas, 20 estão completas e 25 incompletas. Vinte têm a base acenuadamente côncava, seis a base ligeiramente convexa, três a base triangular e duas a base em espigão.

Dezasseis pontas de seta são de sílex preto. Uma delas apresenta os bordos com um serrilhado finíssimo e retoques bifaciais.

LEISNER, no seu belo trabalho, *Antas de Reguengos de Monsaraz* (2), refere que apenas encontrou em todas as antas deste concelho duas pontas de seta de coloração preta ou cinzento-azulado com os bordos serrilhados e acrescenta que elas são raras.

Em todas as outras pontas de seta temos as de coloração rósea, bege, acastanhada, avermelhada e cinzento-azulada. Várias destas pontas estão finamente bifaciadas.

A ponta de seta maior (Est. V, fig. 9 k), com 51 mm de comprimento, a que falta parte duma ponta da base, tem finos retoques nas duas faces. Uma outra (Est. V, fig. 9 m), de coloração avermelhada, a que falta parte da extremidade do espigão, tem retoques bifaciais e bordos serrilhados.

(1) As figuras apresentam apenas as principais.

(2) GEORG & VERA LEISNER, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz* — *Materiais da cultura megalítica em Portugal*, publicação do «Instituto de Alta Cultura», 1951, 326 págs., LXIII estampas com algumas centenas de esplêndidos desenhos.

Esta anta deu-nos, como já referimos atrás, três pontas de seta de base triangular (Est. V, fig. 9 n, o, p), uma das quais de bordos esquirolados e de coloração cárnea; cinco de base ligeiramente convexa e duas de espigão (Est. V, fig. 9 i, m).

Também colhemos nesta anta uma ponta de seta de quartzo branco leitoso (Est. V, fig. 9 s).

Temos 6 fragmentos de lâminas ou facas, uns maiores, outros menores. Três deles não têm qualquer retoque nos bordos e dos outros três, dois têm os bordos retocados e um, retoques apenas num dos bordos.

Há duas porções de alabardas, ambas de sílex. Uma de coloração bege e outra cárnea. Ambas apresentam as faces primorosamente trabalhadas.

Temos ainda dois pequenos raspadores em forma de trapézio.

Nesta anta colhemos três cristais de quartzo. O maior, com 43 mm de comprimento, tem a extremidade truncada obliquamente.

Como peças de pedra polida encontramos nesta anta apenas o já referido machado de secção triangular, de gume arredondado, com pequenas fracturas, indicação de ter sido usado. É de anfibolite. Tem 101 mm de comprimento, 67 mm de largura máxima e 21,5 mm de máxima espessura; o gume tem 63 mm de comprimento.

Placas-ídolos (1)

A Anta 1.^a do Tapadão deu-nos vários fragmentos de placas-ídolos, uma quase completa, de xisto preto, outra fenestrada, de xisto cinzento esverdeado, reduzida à sua porção inferior, e um fragmento, que, pela disposição da sua decoração, deve ter pertencido a uma placa recurvada, ou em *báculo*.

(1) Mantemos a designação antiga de placas-ídolos, apesar de haver quem tenha proposto a designação de placas antropomórficas.

A placa quase completa (Est. VII, fig. 11) é de xisto preto; falta-lhe uma pequena parte da extremidade superior; é quase rectangular; a face anterior, de superfície sensivelmente plana, é decorada; a face posterior, levemente arqueada, não tem decoração.

Tem seis faixas transversais, de diferentes tamanhos, como mostra a fig. (Est. VII, fig. 11).

A faixa superior é a mais alta e tem na porção média um triângulo isósceles de vértice inferior, sem decoração aparente. À direita deste triângulo há vários rectângulos com quadriculado e no lado esquerdo a decoração é pouco visível.

Abaixo desta faixa há duas bastante estreitas; a primeira não tem decoração e a segunda apresenta muitos traços verticais bem visíveis na metade direita.

As três faixas transversais inferiores têm numerosos triângulos isósceles, uns decorados, outros não, com uma disposição alternada. Os primeiros têm o vértice para cima e os últimos para baixo.

A placa de xisto cinzento-esverdeado e micácea (Est. VIII, fig. 12 e), está bastante incompleta e não tem decoração alguma; pertence ao tipo das placas fenestradas.

Cerâmica

A cerâmica foi encontrada na segunda camada de câmara e do corredor. Estava muito fragmentada. Só um pequeno vaso inteiro (Est. IX, fig. 13 d); outro, bastante maior que o primeiro, quase completo (Est. IX, fig. 13 a); metade dum outro vaso e alguns fragmentos de outro que se ajustavam perfeitamente. A avaliar pelo número de fragmentos de fundos e bordos existentes, o número de peças de cerâmica desta anta pode computar-se em 39.

GEORG LEISNER e VERA LEISNER, no seu trabalho *Atlas do Concelho de Reguengos de Monsaraz* (cit.), classificam a cerâmica

dessas antas, segundo a cor e o fabrico em três tipos fundamentais: cerâmica de cor cinzento-acastanhada ou cinzento-avermelhada e castanha, cerâmica vermelha e cerâmica preta.

A cerâmica da nossa anta corresponde, quer na cor, quer na natureza do seu fabrico, em grande parte, aos três tipos dos das antas de Reguengos de Monsaraz.

Verificamos a existência de cerâmica de pasta cinzenta, uma mais grosseira, com abundância de pedrinhas, com cobertura por dentro e por fora, correspondente ao tipo A 1 de LEISNER e outra de pasta mais fina com um número reduzido de pedrinhas, correspondente ao tipo A 2.

Da primeira, isto é, A 1, existem apenas fragmentos de 5 vasos. A sua espessura vai de 11 mm a 17 mm. Há três fragmentos dum vaso que adaptaram perfeitamente e constituíram uma porção desse vaso, de 24 cm de comprimento e 19 cm de largura.

Da segunda, isto é A 2, há uma porção dum vaso e duas de outros dois. A sua espessura vai de 4 mm a 10 mm.

Há ainda vários fragmentos de pasta castanho-avermelhada. Alguns têm pedrinhas na pasta, outros não. As espessuras vão de 3,5 mm a 14 mm. Estes fragmentos pertencem a 15 vasos.

Também há cerâmica de pasta castanho-escuro, uma mais grosseira, com inclusão de pedrinhas e outra de pasta mais fina, sem a sua inclusão.

Desta última temos um vaso cilíndrico, completo, com 62 mm de diâmetro de boca, 40 mm de altura e 6 mm de espessura; uma porção dum vaso, maior que o anterior, com 49 mm de altura e 9 mm de espessura. Os fragmentos restantes devem ter pertencido a 22 vasos. A espessura mínima é de 6 mm e a máxima de 13 mm.

Da cerâmica de pasta preta, a mais grosseira, tem pedrinhas, a mais fina não as tem. Esta cerâmica é lisa por dentro e por

fora. Há dela fragmentos de 14 vasos e um vaso quase inteiro, a que falta apenas uma grande porção do bordo.

Este vaso tem 81 mm de diâmetro da boca, 52 mm de altura e 84 mm de diâmetro do fundo, e 6 mm de espessura. A espessura desta cerâmica vai de 6 mm a 9 mm.

Da cerâmica cinzenta há uns fragmentos de pasta grosseira com inclusão de pedrinhas e outros de pasta mais fina, sem pedrinhas. A espessura desta cerâmica vai de 7 mm a 12 mm.

Ossos humanos

A escavação desta anta deu-nos alguns restos ósseos humanos. Foram encontrados na zona de contacto dos esteios 2 e 3 à profundidade de 35 cm. São os seguintes :

duas pequenas porções de ossos cranianos, tão pequenas que não nos foi possível identificá-las;

uma porção da diáfise dum úmero fortemente fossilizada;

vários fragmentos de diáfise de ossos longos fossilizados e um deles intensamente fossilizado;

uma cabeça de fémur quase inteira;

uma porção externa de clavícula direita, talvez de criança;

um terceiro metatársico esquerdo;

dois metatársicos incompletos;

uma falange incompleta da mão;

uma porção de osso esponjoso;

Há ainda vários fragmentos, todos de pequenas dimensões. Os mais deles, de difícil, senão impossível, identificação. Um dos fragmentos apenas com 2,5 cm de comprimento é porção da diáfise dum rádio; outro, com escassos 5 cm do comprimento, é provavelmente, porção média dum cúbito.

Todos os ossos estão mais ou menos fossilizados. Alguns tão fortemente fossilizados, que com propriedade se pode dizer que estão petrificados. Seria de marcado interesse analisar estes ossos para se averiguar, pelo menos em alguns, o grau de fossilização.

Ossos de animais

Encontrámos também vários ossos de animais, que supomos serem todos de coelho.

A anta do Couto dos Enchaes (Crato — Alto Alentejo)

É uma anta de grande corredor, ainda que mais curto do que o da anta 1.^a do Tapadão, e de câmara heptagonal, com o maior comprimento no sentido do eixo longitudinal, como mostra a figura 14.

Está situada na freguesia de Gáfete, a sul e a uns 2 km em linha recta do *Monte do Biscaia*, também chamado *Monte da Fome*.

A câmara tem 7 esteios de granito, cujo estado de conservação indicamos a seguir:

O esteio 1 está partido pela base, mesmo ao rés da terra. A porção superior, bastante inclinada para o interior da câmara, não está caída, por que encosta pelo bordo direito ao esteio 7. Do esteio 2 há apenas a porção inferior espetada na terra; o seu topo superior rasa a terra.

O esteio 3 está deslocado da sua posição inicial para a câmara, e incompleto na sua extremidade superior.

O 4, o da cabeceira, está inteiro; é o mais robusto.

O 5 está representado pela sua metade inferior. Ao 6 falta o terço superior; está muito inclinado para dentro da câmara

dolménica e faz com o chão da mesma um ângulo de cerca de 45°. O 7 está completo, mas um pouco tombado para a câmara.

Os esteios têm de altura e largura (ao nível da terra e exteriormente), respectivamente: 1 — 2,52 m e 1,30 m; 2 — 0,10 m e 1,12 m; 3 — 1,40 m e 1,00 m; 4 — 2,05 m e 1,60 m; 5 — 1,06 m e 1,20; 6 — 1,46 m e 1,15 m e 7 — 2,20 m e 1,45 m.

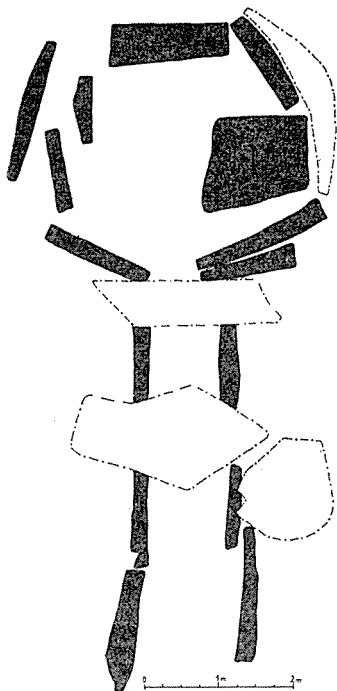


Fig. 14 — Planta da anta do Couto dos Enchaes

Há uma grande laje de granito, caída fora da câmara, a norte, encostada aos esteios 4, 5 e 7; deve ter sido a *mesa*; tem 3,47 m de comprimento e 2,80 m de largura.

Na face exterior do esteio 7, encosta uma grande pedra, quase quadrada, com 1,50 m de lado, 0,16 m de espessura mínima e 0,31 m de espessura máxima. Esta pedra deve ter sido a porta da anta, como a que existe na anta 1.^a do Tapadão.

O corredor desta anta, voltado a sudeste, tem 6 m de comprimento por 1,60 m de largura.

Conserva ainda duas pedras de cobertura, uma no topo proximal e a outra distante desta cerca de um metro. Foi a única anta do concelho do Crato em que encontrámos esta particularidade (fig. 14).

O chão da anta apresenta um desnível de 0,60 m em relação ao terreno exterior à anta.

Escavação

Inicialmente teve de ser arrancado todo o mato que envolvia a anta, de tal maneira abundante, que quase a tapava (Est. X, fig. 15).

A seguir procedemos à remoção e crivagem da terra que estava colocada externamente ao corredor, no seu lado norte e que tinha sido tirada de dentro do corredor, por algum pesquisador de tesouros.

Esta terra deu apenas alguns pequenos e incaracterísticos fragmentos de cerâmica.

Depois iniciámos a escavação da anta começando pelo topo distal do corredor (Est. X, fig. 16). Abrimos um corte transversal, designado pelos trabalhadores locais de *surruba*, a toda a largura, até à profundidade de 40 cm. Aqui deparámos com a rocha granítica, designada pelos mesmos trabalhadores por *lajoeira*. A anta assenta nela directamente.

Na terra do corredor não havia camadas bem definidas. Toda ela havia sido remexida e por isso designada pelos mesmos trabalhadores por *terra rota*.

Prosseguindo na escavação encontrámos um machado de secção rectangular, em posição horizontal e com o gume voltado para a boca da anta; estava à profundidade de 32 cm e distante 40 cm do primeiro esteio da esquerda. À mesma profundidade e à distância de 20 cm daquele esteio, estava um outro machado, também de secção rectangular.

A terra existente no corredor, tinha agora a espessura de 60 cm.

No início da segunda pedra da esquerda, a 60 cm de profundidade, mesmo assente na *lajoeira*, encontrámos a metade doutro machado de secção rectangular com a ponta mais aguçada, que

é a que se opõe ao gume, voltada para a boca da anta, e em posição horizontal.

A meio do comprimento da mesma pedra e junto dela, à mesma profundidade, achámos um outro machado também rectangular, na mesma posição da metade anterior.

Próximo da extremidade posterior da referida pedra, à mesma profundidade, estava outro machado, o maior de todos, de secção rectangular; o gume estava junto à referida pedra e fazia com ela um ângulo de uns 60°. Próximo deste machado estavam mais dois de secção rectangular, ambos em posição horizontal com os gumes voltados para o topo distal do corredor.

Junto da extremidade posterior da segunda pedra da direita, a camada de terra do corredor atinge agora 78 cm.

Afastado 7 cm da extremidade desta pedra e assente na *lajeira* estava um machado de secção cilíndrica com o gume voltado para a pedra.

No início da terceira pedra da direita do corredor, à mesma profundidade, encontrámos um outro machado de secção cilíndrica, e a metade inferior dum outro de secção rectangular, ambos com o gume voltado para a câmara.

A meio da boca da anta e assente no *salão*, que é a *lajeira*, encontrámos um fragmento de pedra (Est. XII, fig. 18), que apresentava numa das suas faces uma gravura em xadrez.

A camada de terra existente na câmara era da mesma natureza da do corredor e toda ela já remexida.

Na câmara procedemos em primeiro lugar à remoção duma camada de terra, com a espessura de 30 cm, que foi toda crivada; nela apenas encontrámos alguns pequenos fragmentos de cerâmica.

Na camada inferior encontrámos as seguintes peças arqueológicas: um machado de secção rectangular com o gume bastante rombo e voltado para o meio da câmara, assente na *lajeira*, a 22 cm do início do esteio 1, na direcção do centro da câmara;

quatro fragmentos de cerâmica que deram um vaso quase inteiro, a 30 cm do início do esteio 2, também na direcção do meio da câmara e acima do *salão* 20 cm; um vaso completo com a boca voltada para norte, distante dos fragmentos referidos 10 cm e à mesma profundidade; um outro machado de secção rectangular, com o gume voltado para oeste, a 60 cm do ponto de encontro dos esteios 3 e 4, seguindo a bissectriz do ângulo formado pelos esteios e acima do *salão* 15 cm; junto deste machado, os três fragmentos com que refizemos quase o báculo (Est. XIV, fig. 20); a placa-ídolo (Est. XIII, fig. 19), 20 cm acima do *salão*, distante 45 cm do vértice do ângulo formado pelos esteios 4 e 5; um vaso completo com o fundo voltado para noroeste, 10 cm a nível inferior da placa-ídolo referida; uma outra placa-ídolo junto deste vaso, da qual não damos fotografia.

Três vasos incompletos estavam próximos uns dos outros no centro da anta, 26 cm acima do *salão*.

Há ainda um pequenino vaso de cerâmica que foi encontrado no crivo (Est. XV, fig. 21 d).

*
* *

O espólio é constituído por objectos de adorno (uma conta de xisto), instrumentos de pedra lascada (pontas de seta e facas), de pedra polida (machados de secção rectangular) e cilíndrica, placas-ídeos, um báculo incompleto, cerâmica e um fragmento de pedra com decoração em xadrez.

Objectos de adorno

Há apenas a registar uma conta de xisto preto, com um sulco transversal a toda a volta (Est. XI, fig. 17 e).

Material lítico

É constituído por peças de pedra lascada e de pedra polida. Das primeiras há 5 pontas de seta (Est. XI, fig. 17) e duas pequenas porções de facas; umas e outras de sílex. Das pontas de seta, 3 estão completas e duas incompletas.

Das completas, uma é de cor preta; tem a base ligeiramente convexa e um serrilhado finíssimo nos bordos. Uma outra é de cor bege e a base também sensivelmente convexa; uma outra ainda um pouco mais escura do que a anterior de base nitidamente, côncava e com finíssimo serrilhado nos bordos. Das incompletas temos uma de cor esbranquiçada, também com finíssimos recortes nos dois bordos (Est. XI, fig. 17 g) e uma porção superior duma grande ponta de seta, de cor roxa, lindamente bifaciada, com primoroso serrilhado nos bordos (Est. XI, fig. 17 b).

Das duas pequenas porções de facas, uma (Est. XI, fig. 17 a) tem alguns retoques nos bordos.

As peças de pedra polida são constituídas por machados de xisto anfibolítico. Há-os de secção rectangular e cilíndrica. São ao todo 10 completos e duas metades de outros: uma superior e outra inferior.

Machado (Est. XV, fig. 22 a), de gume bem afiado e arqueado; não tem sinais de uso; com 10,7 cm de comprimento, 6 cm de largura máxima ao nível do gume e 2,7 cm de espessura máxima a meio do seu comprimento; extremidade oposta ao gume é estreita e arredondada;

Machado (Est. XV, fig. 22 e), de gume igualmente arqueado, mas com sinais de mossas, que indicam ter sido usado; tem 10,4 cm de comprimento, 7,1 cm de largura máxima a meio do comprimento e 2,7 cm de espessura máxima no mesmo ponto; a extremidade oposta ao gume é estreita e arredondada;

Machado (Est. XV, fig. 22 d), tem o corpo um pouco arqueado, que lhe dá o aspecto duma enxó; é o mais comprido; pois tem 21,8 cm de comprimento e 7,6 cm de largura máxima, um pouco acima do gume; no mesmo ponto a espessura máxima é de 2,5 cm; o gume tem sinais de uso; a extremidade oposta é arredondada;

Machado (Est. XV, fig. 22 h), é também um pouco arqueado. tem 21,1 cm de comprimento, 6,9 cm de largura máxima um pouco acima do gume e 2,5 cm de espessura máxima; a extremidade oposta ao gume é pontiaguda;

Machado (Est. XV, fig. 22 f), representado pela metade inferior; o gume tem sinais de uso; tem 9,4 cm de comprimento, 6,5 cm de largura máxima ao nível do terço superior e 2,3 cm de espessura máxima a meio do comprimento;

Machado (Est. XV, fig. 22 g), de gume com sinais de uso, com 12,8 cm de comprimento, 4,25 cm de largura máxima e 3,7 cm de espessura máxima a meio do comprimento;

Machado (Est. XV, fig. 22 c), de gume com sinais de muito uso, de 11 cm de comprimento, 4,6 cm de largura máxima a meio e 4,25 cm de espessura também a meio.

Machado (Est. XV, fig. 22 b), robusto, de gume quase perfeito; tem 15,1 cm de comprimento, 6,6 cm de largura máxima ao nível do gume, e 4,1 cm de espessura máxima.

Há ainda três machados e uma metade dum outro, de que não damos as fotografias, cujas medidas e estado de conservação referimos a seguir:

O maior tem os bordos polidos e as faces ásperas; o gume é arqueado, mais polido numa face do que na outra e muito bem afiado; tem 13,8 cm de comprimento, 5,6 cm de largura máxima ao nível do gume e 1,8 cm de espessura máxima a meio do comprimento; a extremidade oposta ao gume é muito pontiaguda;

Um outro de xisto mais grosseiro, tem o gume muito destruído pelo uso; tem 10,5 cm de comprimento, 5,3 cm de largura

máxima no gume e 2,0 cm de espessura máxima na extremidade oposta ao gume;

Ainda um outro machado de gume arqueado, com sinais de uso; tem 10,8 cm de comprimento, 4,1 cm de largura máxima ao nível do gume e 3,3 cm de espessura máxima;

A metade superior dum outro machado, que tem 9 cm de comprimento, 5,7 cm de largura máxima e 2,3 cm de espessura máxima;

O fragmento de pedra (Est. XII, fig. 18), a que já fizemos referência atrás e tem na face lisa um traçado intencional em xadrez, mede 24,5 cm de comprimento, 11,3 cm de largura e 4,6 cm de espessura máxima.

Placas-idolos

A placa maior de xisto preto (Est. XIII, fig. 19), tem a *cabeça* em forma de trapézio.

Nela apresenta dois orifícios.

Os *ombros* são sensivelmente horizontais.

O *corpo* é quase rectangular. Fracturas recentes no canto inferior esquerdo e no bordo esquerdo na sua parte superior.

Dimensões: 18,25 cm de comprimento, 10,15 cm de largura máxima no limite superior da fractura do canto esquerdo; 6,8 cm de largura máxima da cabeça e 1,8 cm de espessura máxima.

A face anterior é plana e decorada e a posterior é lisa e algo abaulada.

A decoração está executada por incisões finíssimas, que na cabeça se dispõem em quatro faixas transversais quadriculadas, separadas por três faixas lisas.

A meio há um triângulo isósceles quadriculado.

A meio do corpo há duas faixas horizontais quadriculadas separadas por uma faixa lisa, sensivelmente com a mesma largura. A porção do corpo, que vai da faixa horizontal superior à base

da cabeça, apresenta ao centro um triângulo quase equilátero liso, de base superior, com o vértice inferior truncado. Dum lado e do outro há duas faixas oblíquas também com quadriculados, separados por uma faixa lisa. A mais interna da direita é a mais larga; as outras são quase iguais.

Abaixo da faixa transversal dispõem-se triângulos alternando as posições dos respectivos vértices, uns para baixo outros para cima, uns lisos outros quadriculados como bem mostra a figura (Est. XIII, fig. 19).

Inferiormente apresenta mais cinco faixas transversais, das quais, duas com quadriculados e três lisas.

A placa mais pequena, também de xisto preto, tem a cabeça absorvida pela zona do corpo e simbolizada por um simples triângulo isósceles liso, de base superior, tendo junto a esta um orifício bicónico de suspensão.

Tem a forma trapezoidal; as bases são um pouco recurvadas, os bordos laterais rectilíneos; face anterior decorada, de superfície plana; face posterior não decorada, lisa, levemente abaulada.

Dimensões: 14,2 cm de comprimento, 9,75 cm de largura máxima (na base inferior); 6,8 cm de largura mínima (base superior) e 0,9 cm de espessura máxima.

A face anterior está dividida em quatro faixas ornamentadas. A faixa superior apresenta ao centro um triângulo isósceles liso de base superior. Externamente, do lado direito, há 10 faixas dispostas um pouco obliquamente ao lado do referido triângulo: 5 decoradas e 5 lisas, alternando umas com as outras. Do lado esquerdo há 8 faixas, dispostas como as anteriores: 4 decoradas e 4 lisas.

A faixa a seguir tem cinco triângulos alternando as posições dos respectivos vértices, isto é, uns para baixo e outros para cima, uns lisos e outros quadriculados.

As duas zonas inferiores, mais estreitas, têm vários triângulos isósceles, uns decorados e outros lisos.

Além destas placas há ainda uma outra incompleta, reconstituída com os fragmentos encontrados no crivo, de forma trapezoidal, com a face anterior dividida em quatro faixas ornamentadas.

A faixa superior tem zonas oblíquas decoradas com gravação enxadrezada e zonas oblíquas lisas.

As três inferiores apresentam triângulos isósceles, uns ornamentados com a gravação referida e outros lisos.

A face posterior é lisa.

O báculo está incompleto (Est. XIV, fig. 20). Falta-lhe a extremidade superior. Estava fragmentado em seis porções.

A face anterior está dividida por traços transversais que o dividem em 13 faixas, umas mais largas que outras.

Estas faixas estão ocupadas por triângulos isósceles finamente enxadrezados e triângulos isósceles lisos. Nas primeiras sete faixas, a contar de cima para baixo e nas últimas seis, estes triângulos estão dispostos inversamente.

A face posterior é sensivelmente abaulada e lisa.

A extremidade superior tem 5,1 cm de largura e a inferior 6,9 cm. O bordo externo tem 43 cm de perímetro e o inferior 18 cm.

A largura máxima é de 7,7 cm e a espessura de 1,2 cm.

Cerâmica

É relativamente abundante. Há 8 vasos, dos quais, 3 estão inteiros (Est. XV, fig. 21 a b d), 2 quase inteiros e 3 muito danificados. Há ainda muitos fragmentos, uns maiores, outros menores. Estes devem ter pertencido a 32 vasos.

Muitos destes fragmentos foram encontrados durante a escavação do corredor e da câmara; outros na terra crivada.

Os vasos foram encontrados todos na câmara dolmênica, a grande profundidade.

A cerâmica desta anta corresponde, duma maneira geral à da anta 1.^a do Tapadão, quer na cor, quer na natureza do seu fabrico.

Da cerâmica cinzento-acastanhada há a de pasta mais grosseira, com abundância de pedrinhas, sem cobertura por dentro e por fora; e a de pasta mais fina, mais homogênea, com um reduzido número de pedrinhas e com delgada cobertura por fora e por dentro.

Estas duas qualidades de cerâmica correspondem ao tipo A de LEISNER e delas temos três vasos esféricos completos, três incompletos e uma porção dum outro vaso, que corresponde a cerca da sua metade.

A espessura maior deste tipo de cerâmica é de 11 mm e a menor de 5 mm.

O vaso inteiro maior tem 91 mm de diâmetro de boca, 50 mm de altura, 7 mm de espessura e 320 mm de perímetro externo (Est. XV, fig. 21 b).

Outro vaso inteiro (Est. XV, fig. 21 a), menor que o anterior, tem 93,5 mm de diâmetro de boca, 46 mm de altura, 6 mm de espessura e 303 mm de perímetro externo.

O vaso inteiro mais pequeno de todos (Est. XV, fig. 21 d), tem 24 mm de diâmetro de boca, 24 mm de altura e 4 mm de espessura e 103 mm de perímetro externo.

Da cerâmica vermelho-acastanhada, há uma porção dum vaso que tem na sua superfície externa 3 formações mamilares (Est. XV, fig. 21 g) e a porção dum outro vaso.

A espessura maior deste tipo de cerâmica é de 9 mm e a menor de 7 mm.

Da cerâmica preta há muitos fragmentos de bordos e de fundos. A sua espessura maior é 12 mm e a menor 5 mm.

Conclusões e Cronologia

Levamos estudadas 33 antas no concelho do Crato e 38 no concelho de Alter do Chão.

É nosso propósito prosseguir na escavação de muitos destes dólmenes e recolher o material arqueológico que neles exista.

Até agora escavámos apenas cinco antas do concelho do Crato: Anta 1.^a do Tapadão, Anta do Couto dos Enchares, Antas 1.^a e 2.^a do Couto dos Andreiros e Anta da Tapada dos Canchos.

Não podemos publicar agora todos os materiais colhidos nestas antas. Limitámo-nos apenas às antas 1.^a do Tapadão e Couto dos Enchares, por terem sido as que primeiro escavámos e serem as mais importantes sob o ponto de vista arquitectónico.

Na Anta 1.^a do Tapadão o espólio era mais abundante no corredor do que na câmara.

Na anta do Couto dos Enchares, o espólio distribuía-se tanto no corredor como na câmara e em ambos quase sempre junto ao *salão*.

Estas duas antas distam uma da outra uns 7 km. Ambas apresentam o mesmo estilo arquitectónico, quer no que respeita à câmara, quer ao corredor.

Os seus espólios são muito semelhantes, o que nos leva a supor que não haja diferença cultural entre os dois monumentos e sejam, por isso, da mesma época.

Na anta do Couto dos Enchares não encontramos nem ossos humanos, nem de animais, mas na anta 1.^a do Tapadão encontramos-os, como atrás referimos.

Na anta 1.^a do Tapadão predominam os objectos de adorno e as pontas de seta de sílex. Algumas destas pontas de seta estão primorosamente trabalhadas e há-as de base recta, côncava, convexa, triangular e com espigão.

GEORG & VERA LEISNER, no seu excelente trabalho *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz* (cit.), a páginas 60 afirmam

que nas antas por eles escavadas no concelho de Reguengos de Monsaraz não encontraram uma única ponta de seta de sílex de base triangular, convexa ou de espigão. Apareceram apenas as pontas de seta de base côncava ou recta. Dizem que este exclusivismo se estende à província do Algarve, a alguns castros do litoral ocidental de Portugal, como o de Vila de S. Pedro e Pragança, e na Espanha, as regiões megalíticas das províncias de Córdova e Huelva.

O operoso arqueólogo ABEL VIANA no trabalho de colaboração com ANTÓNIO DIAS DE DEUS, *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas*, a páginas 166 refere ter encontrado nesta região várias pontas de seta de base «convexa, côncava e semi-losangular», mas não indica nenhuma ponta de seta com espigão.

A anta do Couto dos Enchares deu-nos 10 machados completos e duas metades de outros dois, enquanto que a anta 1.^a do Tapadão só nos deu um machado.

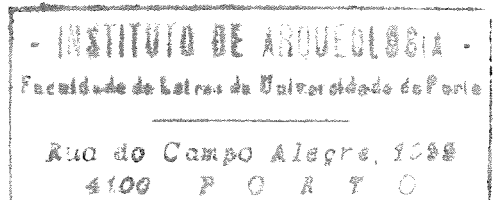
Daqueles machados, 10 têm a secção rectangular e dois a secção cilíndrica.

Reputamos de muita importância o termos encontrado na anta 1.^a do Tapadão uma placa-ídolo incompleta, fenestrada, de xisto, pois até agora há conhecidas em Portugal apenas três placas deste tipo: duas da anta dos Ferreirinhos, Alcafozes, estudadas pelos distintos arqueólogos Doutor D. FERNANDO DE ALMEIDA e Eng. O. DA VEIGA FERREIRA (1) e um fragmento duma outra de Idanha-a-Nova (2).

(1) ABEL VIANA e ANTÓNIO DIAS DE DEUS, *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Vol. XV, fasc. 3-4, Porto, 1955-57, págs. 143 a 189, XII est. com muitas figs., 1 mapa e 48 figs.

(1) D. FERNANDO DE ALMEIDA e O. VEIGA FERREIRA, *Placas de xisto antropomorfas do Museu lapidario igeditano (Idanha-a-Velha)*, sep. do Vol. LXVI, da «Revista de Guimarães», 1956, págs. 103 a 108, 1 est. e 2 figs.

(2) GEORG & VERA LEISNER, *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz* (cit.), página 121.



Na anta 1.^a do Tapadão encontrámos os dois pequenos fragmentos de barro, de superfícies lisas e de forma achatada (Est. VIII, fig. 12 a e d) referidos atrás. Ambos têm num dos topos um orifício de suspensão. O outro topo está fracturado. O fragmento maior, que esboça uma leve curvatura, tem 57 mm de comprimento, 27 mm de largura e 15,5 mm de espessura; e o menor 42 mm de comprimento, 27,5 mm de largura e 14 mm de espessura.

Supomos tratar-se de objectos semelhantes aos citados pelo Prof. VIRGÍLIO CORREIA no seu trabalho *El Neolítico de Pavia (Alentejo — Portugal)* (1), a páginas 23, e por ABEL VIANA no trabalho de colaboração com ANTÓNIO DIAS DE DEUS, *Notas para o estudo dos dólmenes da região de Elvas* (cit.), a páginas 165.

O primeiro autor designou aqueles objectos de meias argolas de barro e considerou-os pesos de tear.

Peça notável é a pedra, que já atrás referimos e que, como mostra a figura 18 da Est. XII, tem numa das faces um tracejado em xadrez. Os bordos são irregulares e têm sinais de fracturas antigas. O tracejado é interrompido ao nível destas fracturas, o que nos faz crer que tenha pertencido a uma pedra maior.

O distinto Professor de Mineralogia da nossa Faculdade de Ciências, Doutor MIGUEL MONTENEGRO, a uma solicitação nossa, gentilmente mandou fazer desta pedra uma preparação microscópica. Fez o seu estudo e informou-nos de que se tratava dum grés.

Não sabemos qual a interpretação a dar ao enxadrezado desta pedra, nem tão pouco quais as circunstâncias que determinaram a colocação da mesma na câmara da anta do Couto dos Enchares.

(1) VIRGÍLIO CORREIA, *El Neolítico de Pavia (Alentejo — Portugal)*, Memória Núm. 27, (série pré-histórica, num. 24), 1921, 113 págs., 87 figs., XXVIII est. com 56 figs. e 1 mapa.

Quanto à cronologia destes dois dólmenes admitimos a hipótese de que sejam do período neolítico, por neles termos encontrado materiais arqueológicos considerados característicos deste período: as pontas de setas de base triangular e os machados cilíndricos. As primeiras da Anta 1.^a, do Tapadão e os segundos da Anta do Couto dos Enchares.

No entanto os outros elementos permitem concluir que estes dois dólmenes devem ter sofrido inumações sucessivas no período eneolítico e até talvez posteriormente.

Julgamos que seria útil proceder à escavação de mais alguns dólmenes deste concelho e de outros concelhos alentejanos, sobretudo dos que se presume não terem sido violados, e bem poucos serão, se é que exista algum em tais condições.

Muito gostosamente nos propomos realizar tais escavações em prosseguimento da tarefa que empreendemos há alguns anos.

Os materiais que em tais escavações se vierem a encontrar fornecerão achegas para melhor precisar a cronologia dos dólmenes do Alto Alentejo.

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»
Setembro de 1965.

As fotografias das figs. 2, 3, 5, 6 e 7 foram tiradas pelo Prof. Santos Júnior.

As das figs. 4, 15 e 16 foram tiradas pelo A.

As restantes por T. Rego, Foto Comercial, Porto.



Fig. 2 — Anta 1.ª do Tapadão; lado oeste.



Fig. 3 — Anta 1.ª do Tapadão; lado norte.



Fig. 4 — Escavação da anta 1.ª do Tapadão.

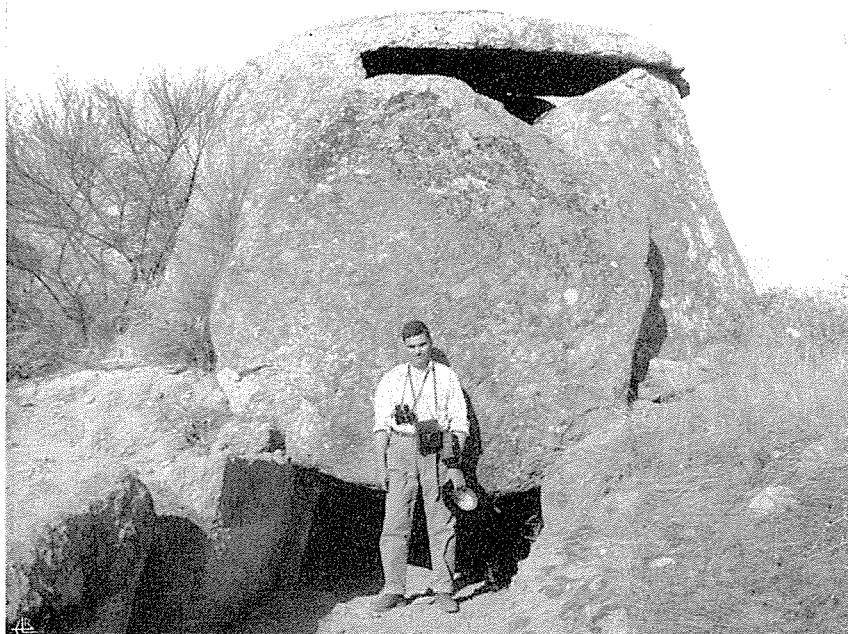


Fig. 5 — Anta 1.ª do Tapadão depois de escavada.

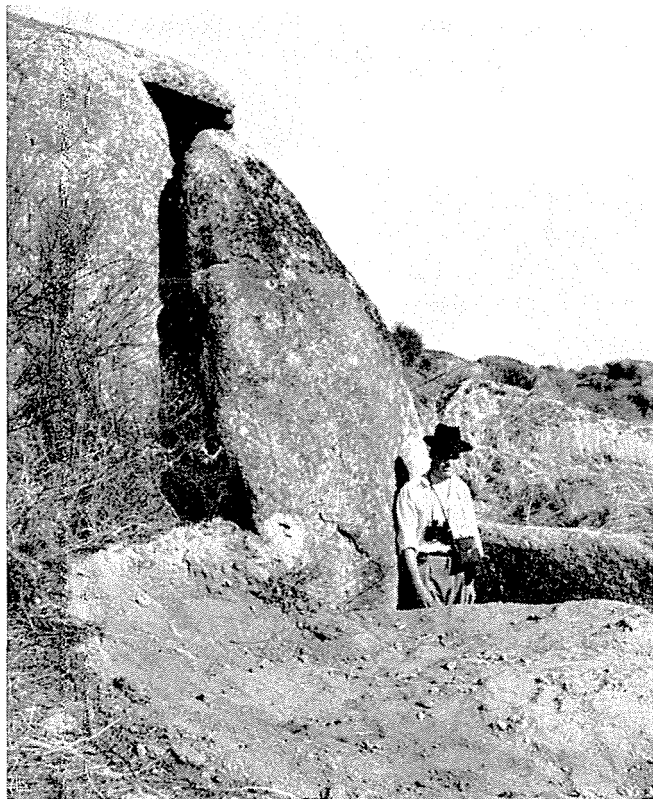


Fig. 6 — Grande pedra a tapar a boca da anta.

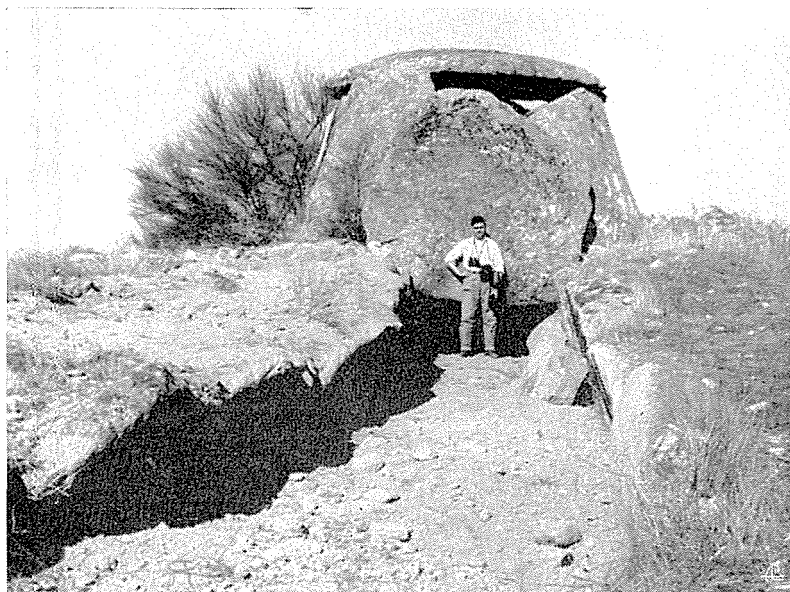


Fig. 7 — A anta 1.^a do Tapadão depois de escavada.

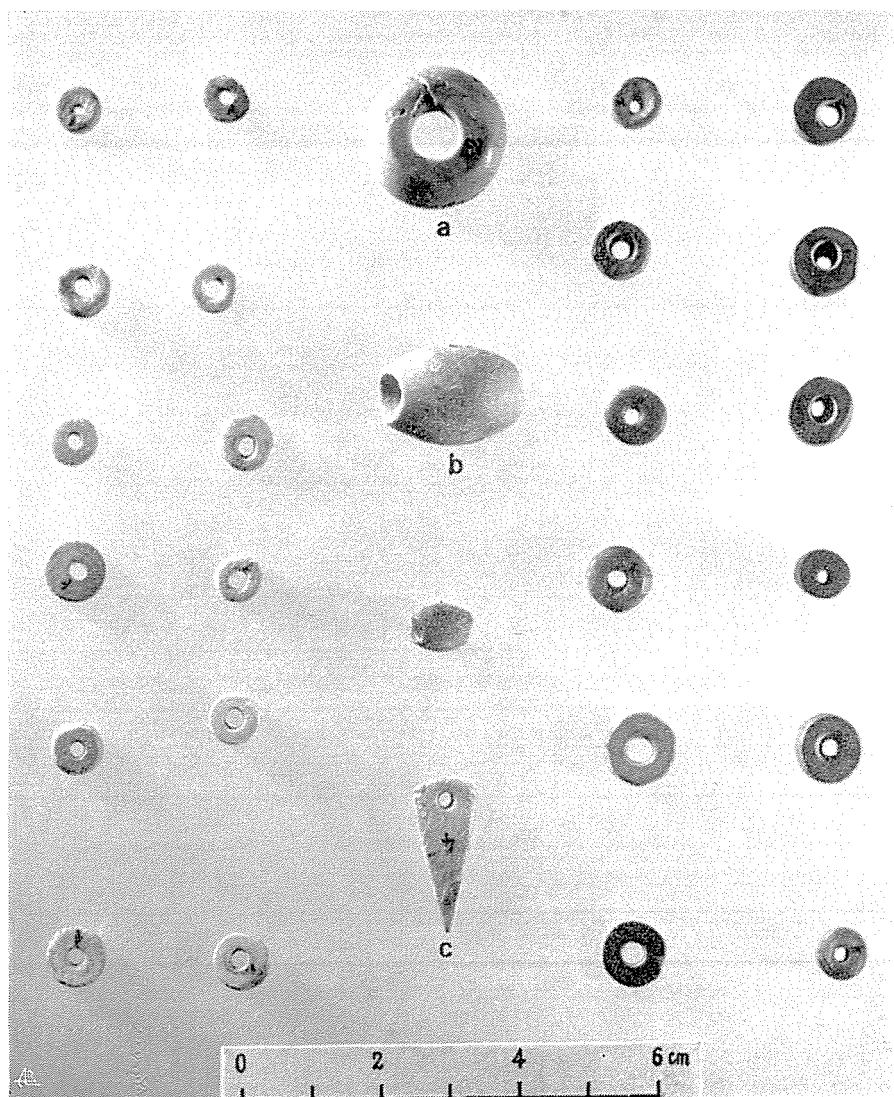


Fig. 8 — Objectos de adorno.

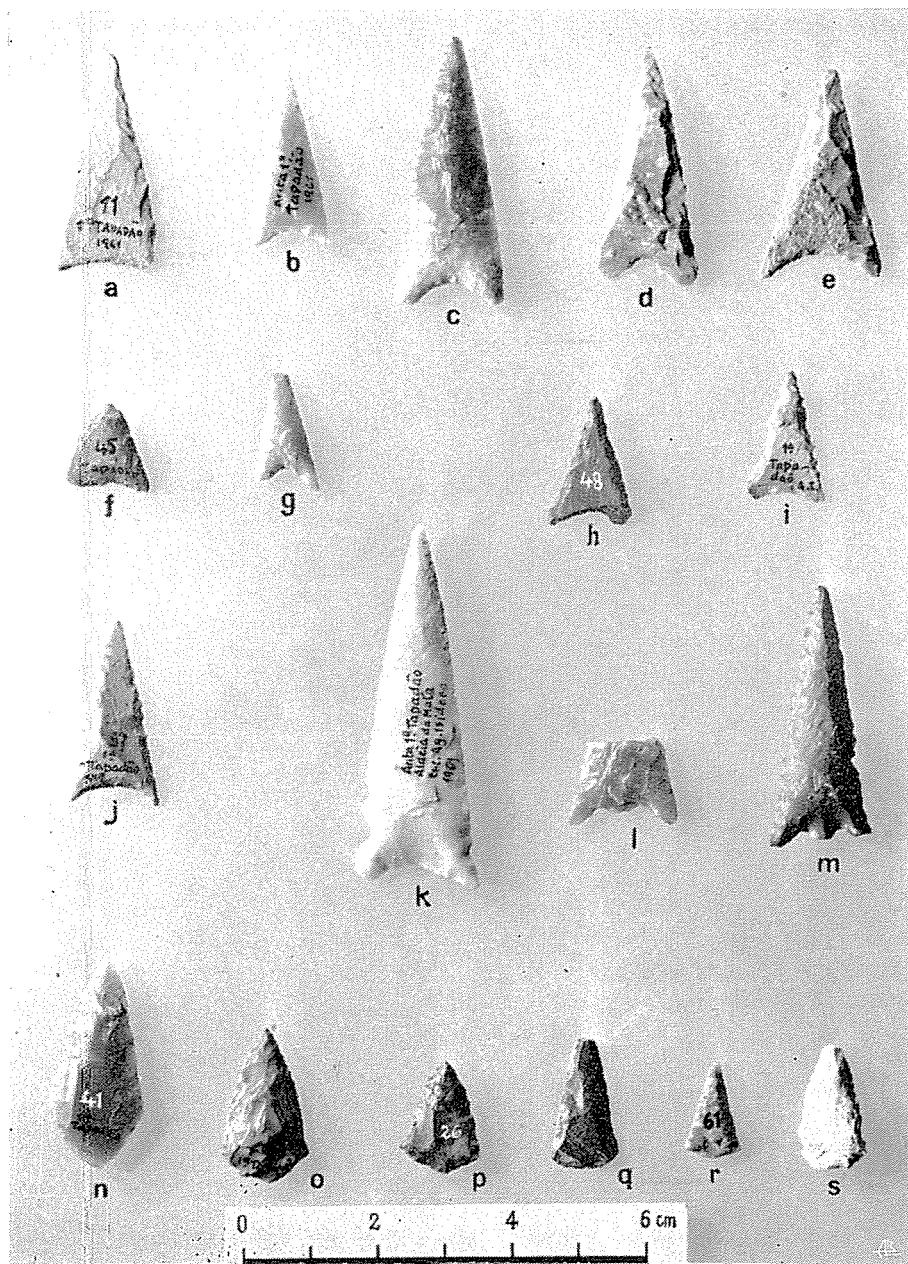


Fig. 9 — Algumas pontas de seta.

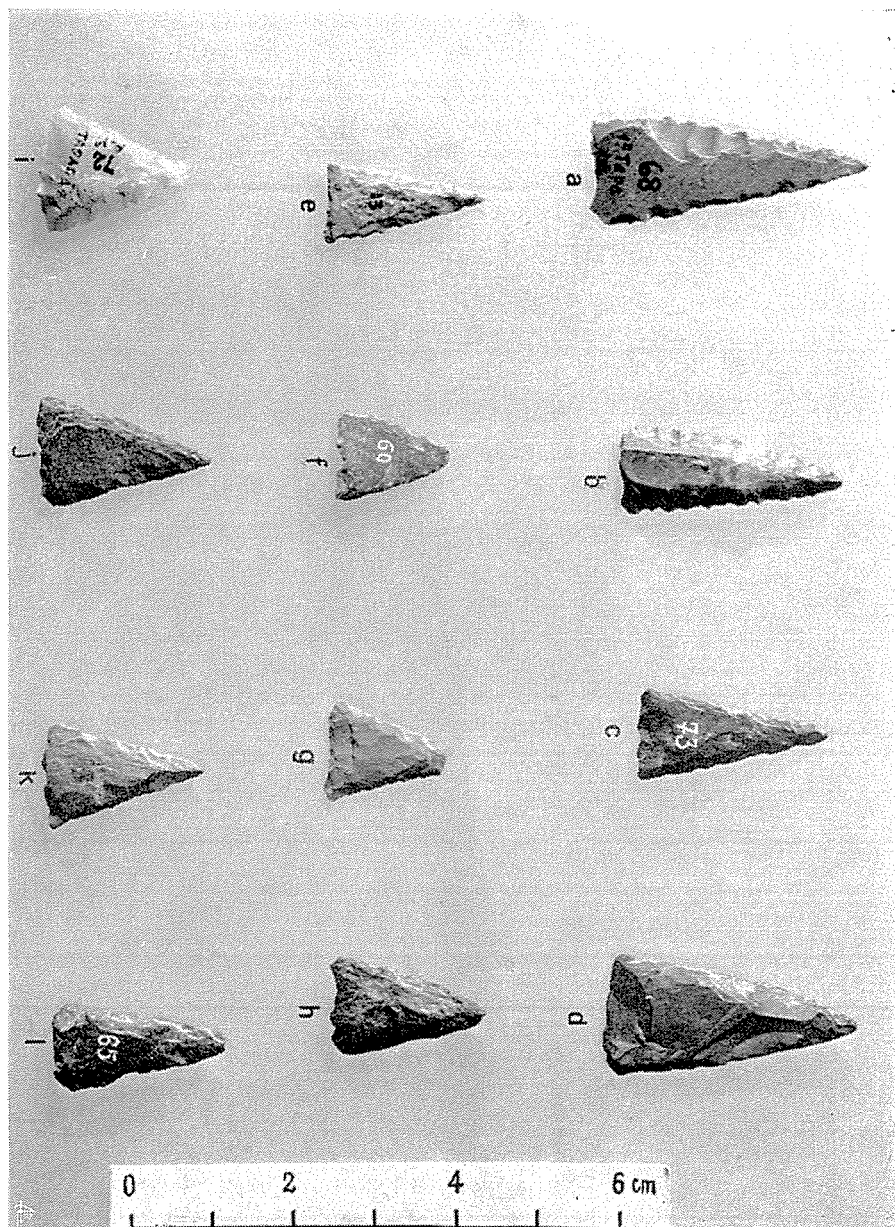


Fig. 10 — Algumas pontas de seta.



Fig. 11 — Placa-idolo.

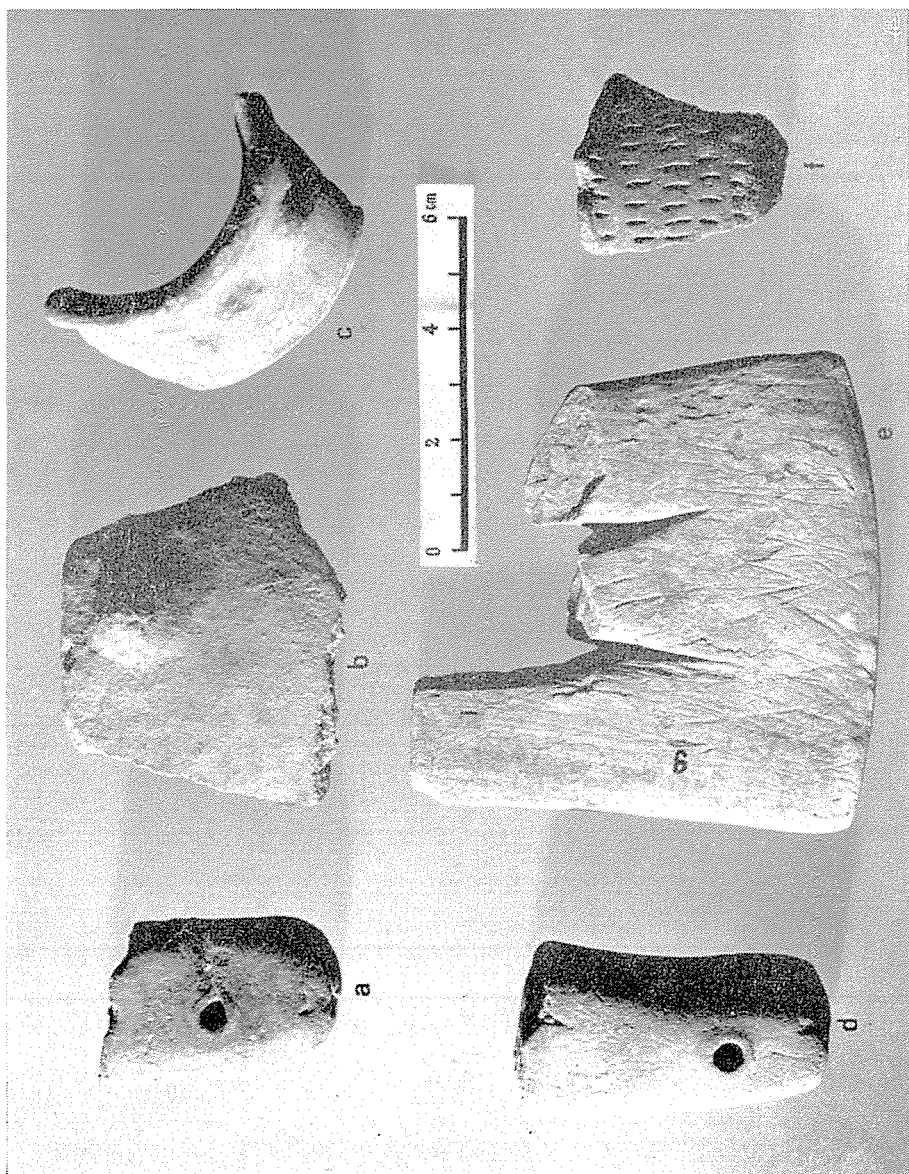


Fig. 12 — *a* e *d*, fragmentos de barro; *b* e *c*, fragmentos de cerâmica com formações mamilares; *e*, porção duma placa fenestrada e *f*, fragmento de cerâmica com incisões.



Fig. 13 — Cerâmica.



Fig. 15 — Anta do Couto dos Enchares tal qual a encontrámos.



Fig. 16 — Aspecto da escavação da anta do Couto dos Enchares.

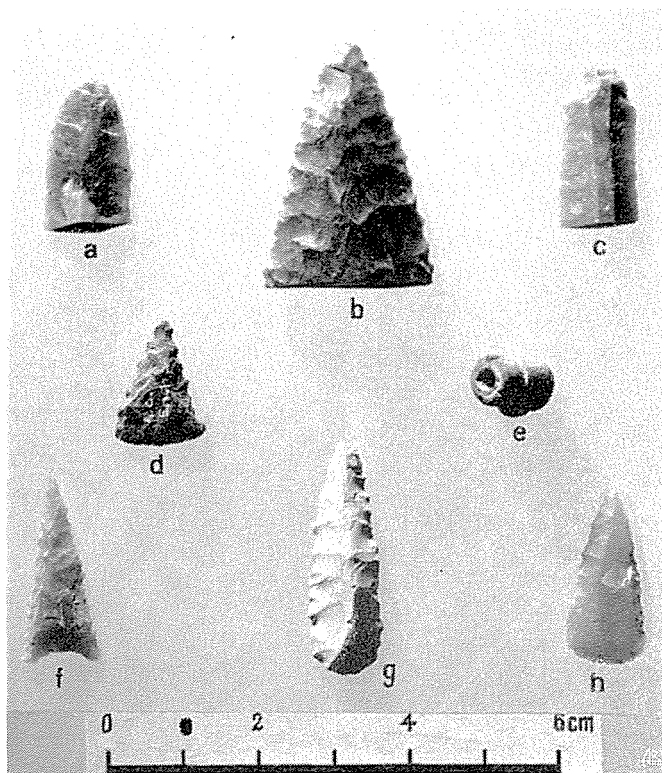


Fig. 17 — Uma conta e peças líticas da anta do Couto dos Enchares.

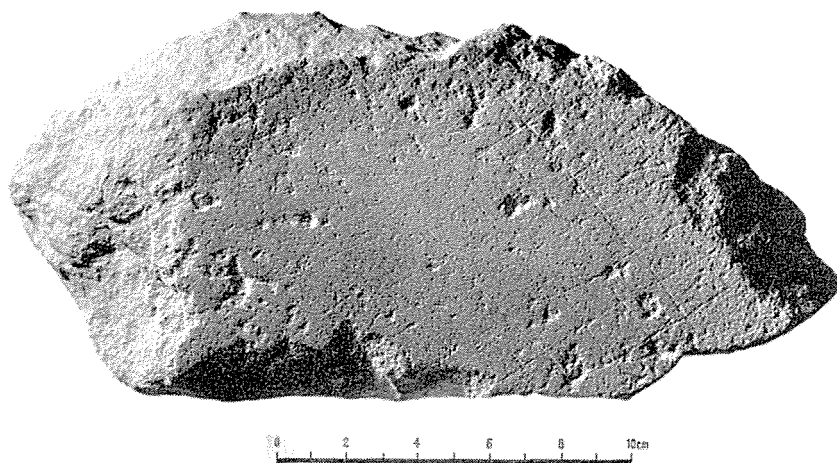


Fig. 18 — Notável fragmento de grés com o tracejado em xadrez.

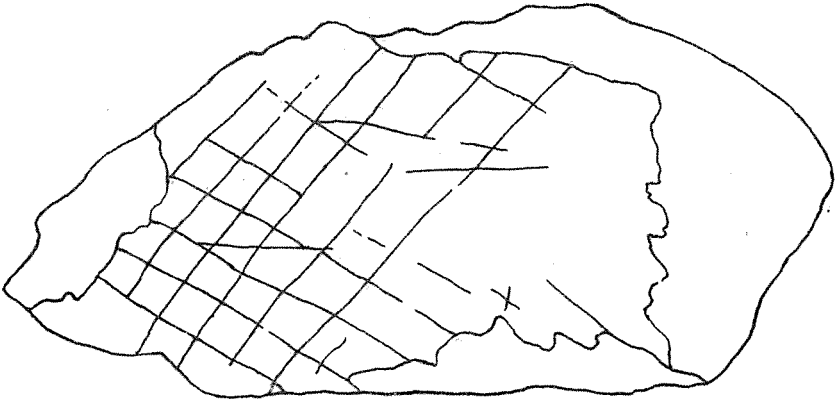




Fig. 19 — Placa-ídolo.

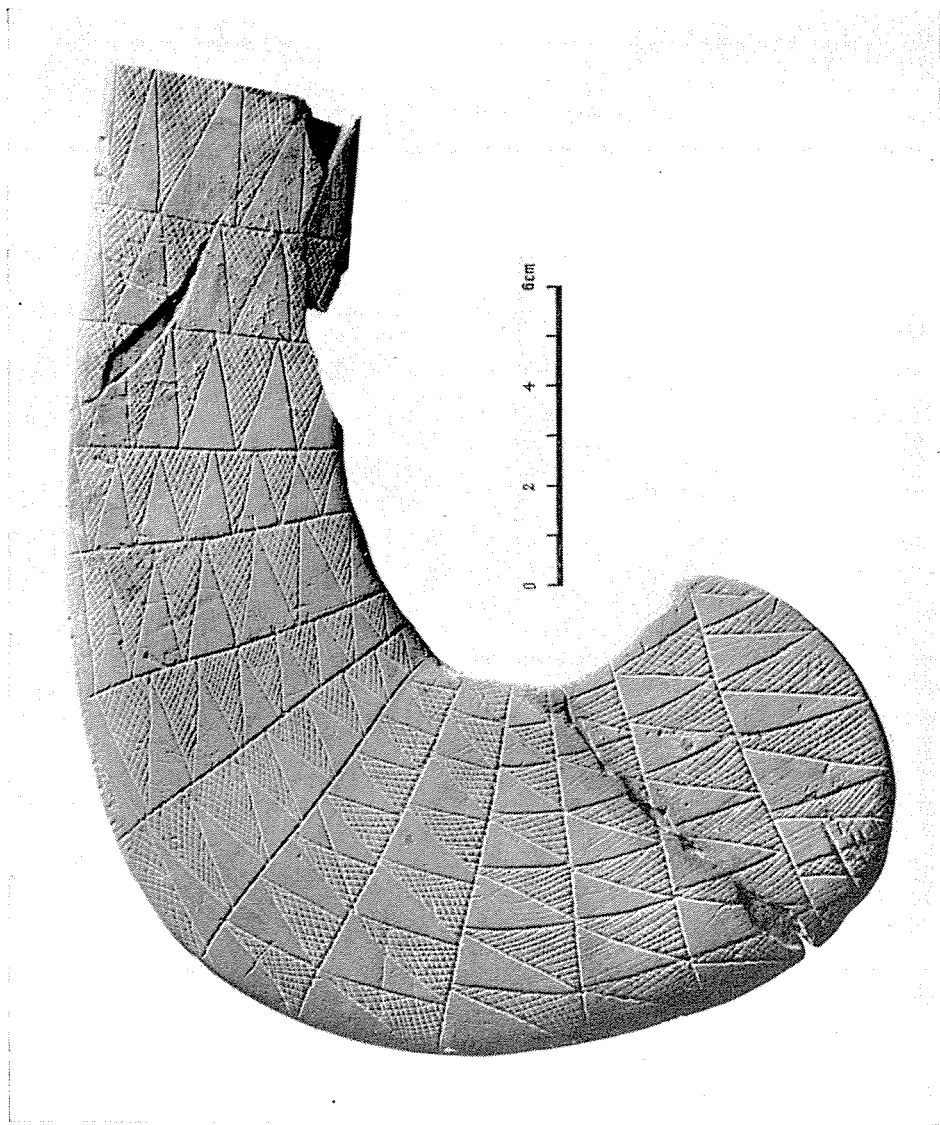


Fig. 20 — Báculo quase inteiro.

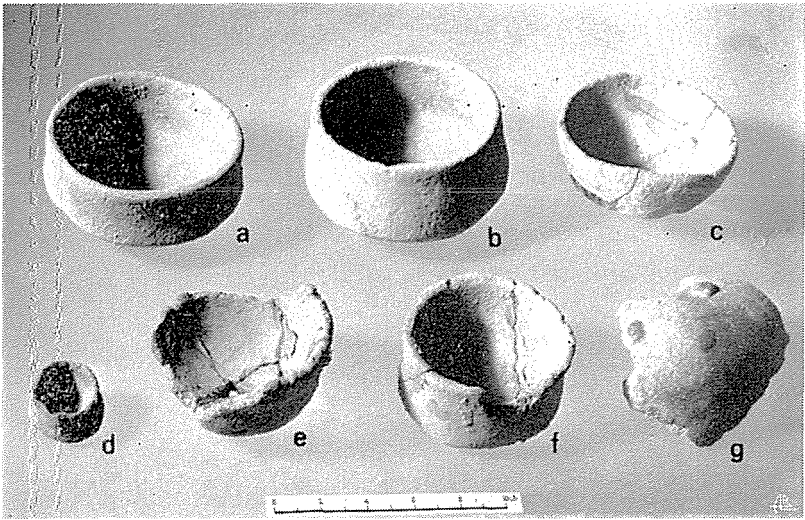


Fig. 21 — Cerâmica.

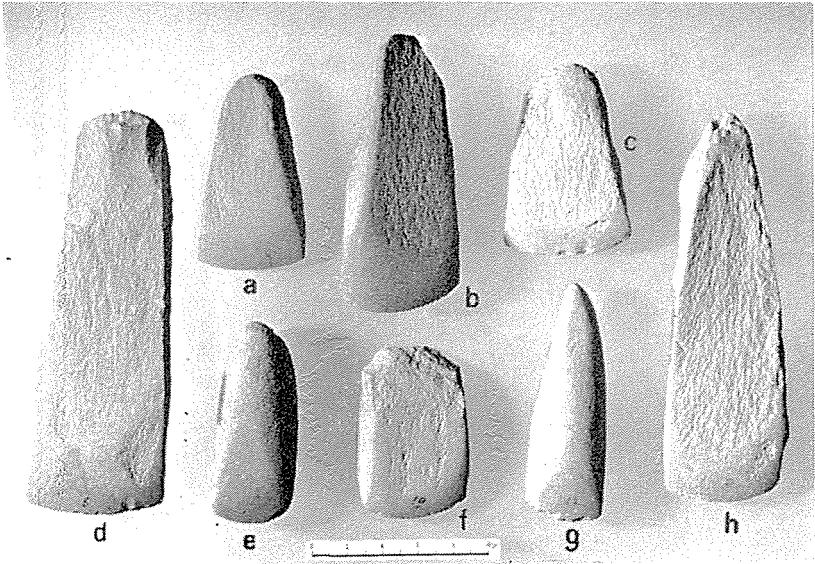


Fig. 22 — Alguns machados de pedra.